



ISSN: 1983-8379

A produção feminina francesa em Belém: Romances-folhetins no periódico *A Província do Pará*

Shirley Lianne Medeiros da Silva¹

Dra. Germana Maria Araújo Sales²

RESUMO: Tendo em vista a ampla circulação de romances-folhetins franceses na imprensa paraense, observamos no periódico *A Província do Pará* uma presença relevante dessas publicações de autoria feminina. Objetivamos divulgar a circulação dessas obras e evidenciar as peculiaridades da narrativa folhetinesca analisando uma delas, o folhetim *Não é bom brincar com a dor*.

Palavras-chave: Palavras-chave: Romance-folhetim, Século XIX, Autoria feminina, Imprensa paraense, *A Província do Pará*.

ABSTRACT: Given the wide circulation of French serial novels in Para press, we observed on the journal *A Província do Pará* a significant presence of these publications authored by women. We aim to divulge this works and evidence the peculiarities of the narrative feuilletonistic analyzing one, the serial novel *Não é bom brincar com a dor*.

Key-words: Serial novel, Nineteenth Century, Author female, Para press, *A Província do Pará*.

1. Imprensa e seus leitores no século XIX

Os anos oitocentos configuraram um período de franca expansão da imprensa periódica em todo o mundo ocidental. Num momento de intensas transformações sociais e ideológicas propiciadas pelas grandes revoluções ocorridas na Europa, o periódico tornara-se peça fundamental para a difusão de novas idéias além das informações cotidianas já divulgadas nesse meio.

Outro fator de grande relevância para a popularização do jornal entre os europeus foi, certamente, a democratização da leitura nessas sociedades, o que proporcionou aos leitores da

¹ Aluna de mestrado programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA).

² Professora de graduação e pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA)



ISSN: 1983-8379

época um material barato e de fácil acesso, já que os periódicos dessa época publicavam textos de variados temas para informar a população, conforme Antônio Hohlfeld³. Era possível e comum encontrar no jornal, além das notícias e dos anúncios, artigos filosóficos e artísticos, ensaios, crítica teatral, e um sem fim de assuntos que o tornaram um dos meios de comunicação mais populares, como afirma Socorro Barbosa: “Um dos méritos deste suporte foi o de abrir as suas ‘colunas’ a um variado número de pessoas, consagrando-se, portanto, o mais democrático dos meios e o baluarte da cultura letrada do país no século XIX.” (BARBOSA, 2007, p. 18).

Tal variedade possuía endereço certo nas páginas dos periódicos: a coluna Folhetim, parte física que correspondia ao rodapé do jornal. Separada dos demais artigos por uma linha vertical, comportava textos que falavam de todo tipo de variedades:

Nesse espaço publicava-se tudo: artigos de crítica, crônicas e resenhas de teatro, de literatura, de artes plásticas, comentários de acontecimentos mundanos, piadas, receitas de beleza e cozinha, boletins de moda, entre outros assuntos de entretenimento. Devido à miscelânea, o folhetim era, a esse tempo, sinônimo de variedades. (NADAF, 2002, p. 27)

Mas toda essa diversidade ainda não era o suficiente para alavancar a venda e assinatura de jornais, panorama que se modificaria a partir de 1836, com a iniciativa do empresário e jornalista francês Êmile de Girardin, de remodelar o jornal e inserir romances em “fatias” na coluna mais eclética dos periódicos; surge, então, no jornal *La Presse*, o romance-folhetim, a sensação literária do século XIX. A partir desse acontecimento, a história do romance não seria mais a mesma.

2. A trajetória do romance-folhetim:

A criação do romance-folhetim modificaria a relação dos leitores com o jornal. Os periódicos saíam da convivência dos que queriam apenas estar atualizados com as notícias e as belas letras e passariam a fazer parte do cotidiano das famílias. Mulheres, jovens, estudantes, todos seriam seduzidos pelas emoções das narrativas em fascículos, que

³ HOHLFELD, Antônio. Deus escreve direito por linhas tortas: O romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.



ISSN: 1983-8379

consagraram, ao longo do tempo, nomes como Alexandre Dumas, Honoré de Balzac, Eugène Sue, Vitor Hugo, para citar alguns autores que percorreram as páginas dos jornais e emocionaram milhares de leitores.

Entretanto, o fascínio pelos folhetins não se restringiu somente à Europa. Em pouco tempo, essas narrativas folhetinescas conquistaram espaço em todo o mundo ocidental, chegando também ao Brasil. O Rio de Janeiro, capital do Império, vivia um momento de efervescência intelectual e estava muito receptivo às influências europeias. Contudo a divulgação desses romances não ficou somente na capital, expandiu-se pelas províncias e virou preferência dos leitores também em Belém do Pará.

A partir de pesquisas realizadas na Biblioteca Arthur Vianna – setor de microfilmagem -, observamos a circulação de prosas de ficção folhetinescas em periódicos oitocentistas paraenses.

Deteremos-nos em especial à folha diária que circulou a partir de 1876, denominada *A Província do Pará*⁴, a qual veiculava um grande volume de romances na coluna folhetim⁵. Contudo, uma particularidade acerca desse periódico chamou nossa atenção: a publicação de romances-folhetins escritos e assinados por mulheres.

Ao pesquisar os anos de 1876, 1877 e 1879, localizamos três prosas de ficção de autoria feminina e que têm a nacionalidade francesa como mais um ponto em comum. São elas: *A marquesa ensanguentada*, de Condessa Dash, publicada de 30 de abril a 23 de dezembro de 1876, *Não é bom brincar com a dor*, de Delphine de Girardin., veiculada de 12 de janeiro a 07 de março de 1877 e *Dosia*, de Henry Greville, pseudônimo de Alice Marie Celeste Durand.⁶

Interessou-nos conhecer tais textos para observar quais seriam as impressões escritas deixadas pelas mãos femininas numa seara que, geralmente, nesse período, é monopolizada pelos homens. Para tanto, analisaremos a prosa de ficção denominada *Não é bom brincar com a dor*, já mencionada anteriormente.

⁴ *A Província do Pará*: jornal de veiculação diária. Sua circulação teve início em 25 de março de 1876. Foi impresso nas tipografias d'O Futuro e d'A Província do Pará. Perdurou até o ano de 1947, apresentando alguns períodos em que não circulou, bem como troca de donos e editores. Fonte: Catálogo de periódicos da Biblioteca Arthur Vianna, setor de microfilmagem.

⁵ Consultar relatório de iniciação científica de Shirley Lianne Medeiros da Silva. Ano 2009. (PIBIC/FAPESPA)

⁶ Op cit 2.



ISSN: 1983-8379

3. O romance-folhetim e a escrita feminina

A prosa de ficção folhetinesca escolhida para ser analisada, como já mencionado anteriormente, se intitula *Não é bom brincar com a dor*. De autoria da escritora francesa Delphine de Girardin, o enredo é norteado pelas situações resultantes de um triângulo amoroso formado por M. de Lusigny, um sedutor que passa seu tempo arquitetando planos para conquistar as mulheres mais belas e cobiçadas, Leontina, a viúva Carlos de Viremont, uma senhora respeitada, frequentadora da alta sociedade, que será alvo do sedutor e Heitor, cunhado de Leontina, que nutre uma paixão secreta por ela a quem não tem coragem de declarar seus sentimentos.

Quando de suas investidas, M. de Lusigny, depois de muitas tentativas, consegue cativar o afeto de Leontina, que aos poucos deixa-se envolver e apaixonar pelos encantos do sedutor. Heitor, ao tomar conhecimento de que sua amada corresponde às investidas de Lusigny, fica muito abalado e adocece de tristeza em vez que seu amor já não tem esperança alguma de ser correspondido. Leontina, cada vez mais envolvida pelo sedutor, descobre o caráter malicioso desse homem quando o mesmo, por não querer revelar a ela que estava doente, apenas para não parecer menos atraente, some, deixando-a a tecer conjecturas sobre todos os possíveis motivos desse desaparecimento. A protagonista experimenta, nessa ocasião do desaparecimento de, experimenta sensações ligadas à natureza humana, tais como o ciúme e o desespero, sem saber o motivo pelo qual o homem por quem se apaixonou desaparecera. Quando a mãe de Lusigny revela à Leontina o verdadeiro motivo do sumiço sobre o sumiço do rapaz, ignora-o. Ele sofre apaixonado e ela volta sua atenção para Heitor, guardião de um amor intenso e puro, se casa com ele e os dois vivem muito bem, ao contrário do vilão, M. de Lusigny, que ficará perante a sociedade, desacreditado e, em relação à Leontina, permanecerá amando sem ser correspondido.

Três pontos interessantes da escrita se Delphine de Girardin nos chamam a atenção: em sua história a, princípio, Leontina aparenta ser mais uma das vítimas de M. de Lusigny, entretanto, quando ela descobre a farsa, passa automaticamente a agir como heroína, repelindo o conquistador e aceitando o amor verdadeiro de Heitor, salvando, assim, sua vida.



ISSN: 1983-8379

Outro tópico que acreditamos curioso é o fato do mal cometido por M. de Lusigny nada ter a ver com uma tentativa contra sua virtude ou um crime bárbaro, que é o que geralmente se espera de um antagonista, ele na tentativa de manter-se um sedutor aos olhos de Leontina, e, dessa maneira, deixa-la esperando por notícias suas, acaba ferindo os sentimentos dela e, por sua vez, provocando sua ira, quando da verdade revelada.

O jovem virtuoso do romance-folhetim, a quem normalmente atribuímos a função do herói corajoso, mantém uma postura tímida, frágil, modesta e submissa nessa narrativa, o que, aparentemente aponta para uma inversão de papéis.

Há que se destacar também aparentemente a função de instrução do romance-folhetim, posto que nele percebemos uma maneira de alertar as moças da sociedade a observar o comportamento dos moços afim de evitar se render aos encantos dos sedutores.

Considerações Finais

O trabalho com fontes primárias, como é o caso da imprensa periódica, nos possibilita observar as práticas sociais e ideológicas de uma época. As práticas de leitura que encontramos nos jornais, bem como a escrita, podem ser reveladoras no sentido de nos dar pistas acerca de como se organizava o pensamento e a escrita dos contemporâneos dos romances folhetins, quais eram os conhecimentos difundidos nesses suportes por parte de homens e mulheres, atores sociais constituintes de uma época.

Em Belém do Pará fica notória a aceitação e circulação da escrita feminina francesa, dado o volume de publicações que nos foi possível encontrar num curto espaço de tempo: três publicações para três anos, lembrando que os romances folhetins eram publicados, muitas vezes, por longos períodos de tempo, permanecendo durante esse período entre os leitores paraenses.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. *Jornal e Literatura: a imprensa brasileira do século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova 2007.



ISSN: 1983-8379

CHARTIER, Roger. *As Revoluções da leitura no Ocidente*. In: ABREU, Márcia. *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003. p. 19-31.

EL FAR, Alessandra. *Páginas de Sensação. Literatura Popular e Pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

GIRARDIN, Delphine de. *Não é bom brincar com a dor*. A Província do Pará, Belém, 12 de janeiro a 07 de março de 1877, Folhetim, p. 1.

MEYER, Marlise. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996

NADAF, Yasmin Jamil. *Rodapé das miscelâneas – o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX)*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.

SILVA, Shirley Lianne Medeiros. *Relatório Técnico-Científico (PIBIC/FAPESPA/UFGA)*, 2009, Pará.

TINHORÃO, José Ramos. *Os romances em folhetim no Brasil: 1830 à atualidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1994, p. 21 a 40.